

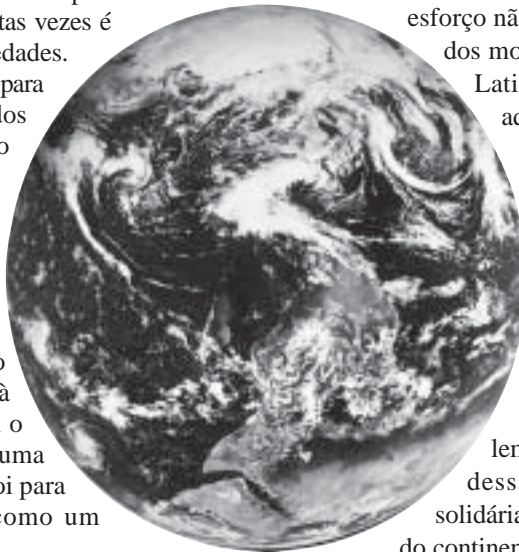
FÓRUM SOCIAL MUNDIAL E A GLOBALIZAÇÃO SOCIAL

Juan S Tello*

Enquanto eu passava entre as mesas cheias de imagens revolucionárias, tentando não distrair-me com cada discussão apaixonada, das que encheram as ruas de Caracas durante o FSM-2006, cheguei à conclusão de que aquele era um momento único na minha vida, e único na história de nossos povos das Américas. Foi um momento duplamente especial. Por um lado, o FSM nos deu a tod@s@s participantes um espírito de esperança e otimismo que são incentivos essenciais para lutador@s sociais do continente, que despertam cada dia contemplando obstáculos monumentais e decidem de novo enfrentá-los.

Todos os participantes viveram uma utopia de seis dias, dando-se conta de que nos países vizinhos podemos encontrar a companheirada que muitas vezes é tão escassa nas suas próprias sociedades. OFSM é precisamente isto, um fórum para a globalização da solidariedade, dos direitos dos indígenas, da mulher, do meio ambiente, d@s trabalhador@s. Em comparação com seu homólogo do neoliberalismo, a Organização Mundial do Comércio, o FSM parece compensar com energia, dedicação e esperança o que lhe falta de capital. Por outro lado, pelo fato de ter sido realizado em Caracas, em meio à revolução democrática e afim com o espírito do Fórum, este adquiriu uma harmonia especial. Toda a cidade foi para mim como um grande evento, como um grande sonho.

Pela primeira vez eu vi uma sociedade em que os mais pobres são os mais felizes. Para os milhões de venezuelanos, que sempre se sentiram excluídos do processo político, o que está acontecendo hoje é uma autêntica libertação, uma autêntica independência, uma autêntica revolução. Chávez entendeu que seu poder se encontra nas massas e, como tal, assegurou-se de que elas estão envolvidas no processo político, e que tomam a política como algo de vida ou morte. Em quase todas as esquinas se vêem mesas em que se vendem a Constituição, o Código Civil, o Código de Comércio, etc.... Em contraste, na vizinha Colômbia, assumiu-se por décadas, tacitamente, que a política é um jogo para os ricos e os intelectuais.



É natural pensar que os pobres não têm uma opinião política forte, nem algum candidato com que possam se identificar religiosamente, como aconteceu na Venezuela. O ódio que se expressa entre as elites colombianas contra Hugo Chavez é uma evidência de seu tradicional desprezo por uma democracia real. Enquanto a política serve para escolher entre duas pessoas ricas, está tudo bem; mas quando se pode eleger alguém de nosso próprio meio, isto é uma ditadura. E, ao contrário do que ouvi de críticos, o processo revolucionário fincou raízes profundas; parece ser inconcebível voltar atrás. Há ainda raízes ideológicas de desenvolvimento e de integração política que parecem assegurar que todo este esforço não será em vão. Além do mais, o triunfo dos movimentos sociais pacíficos na América Latina é um sinal de alerta também para aqueles que tentam hoje alcançar metas similares através de armas. Estes movimentos pacíficos têm um potencial mais duradouro do que o alcançado através de uma guerra. Movimentos insurgentes, como as FARC, devem considerar a possibilidade de chegar à mudança social também por vias pacíficas.

Já tendo despertado do sonho, a lembrança mais importante que me ficou dessa terra irmã foi a grande recepção solidária dada pelo povo venezuelano aos povos do continente, a promessa de seguir promovendo a união latino-americana, e o plano - que pela primeira vez parece ser palpável - de criar um futuro conjunto para nossas populações, exigindo nossa soberania e liberdade de relação uns com outros, sem permissão prévia de ninguém. Livres de bases militares dos Estados Unidos da América, do que costumam chamar de "tratados de livre comércio", de golpes de estado e de sabotagem interna. Desde que o Fórum tomou forma, mais e mais países deixaram o neoliberalismo e optaram por serem sujeitos de seus próprios destinos. Este espaço de globalização social viu florescer os frutos que foram semeados, e agora apenas podemos esperar que a colheita seja abundante e que venham muitas mais. ☺

*Coordenador da Rede de Solidariedade com a Colômbia, nos EUA. Doutorando da Brown University, EUA.



O FSM visto por dentro: Caminhos e desafios de uma nova política¹

Chico Whitaker *

Em 2006, o Fórum Social Mundial foi policêntrico: realizou-se em Bamako, no Mali, e em seguida em Caracas, na Venezuela. O terceiro previsto – adiado por motivo dos terremotos que ocorreram no Paquistão – terá lugar em Karachi, no final de março. O quarto Fórum Social Europeu acontecerá na Grécia, em maio, e no segundo semestre será realizado um Fórum Social Asiático, na Tailândia.

Quase ao mesmo tempo dos dois primeiros, realizou-se em Marrocos uma assembleia constitutiva do Fórum Social Magrebino, previsto para 2007, pouco depois do próximo Fórum Social Mundial, que será novamente centralizado, desta vez, em Nairobi, no Quênia.

Pode-se, portanto, dizer que o processo Fórum Social Mundial está em plena expansão. Porém, mais do que isso, essa expansão é portadora de algo novo: uma mudança qualitativa no tipo de unidade que vai sendo forjada entre os que querem construir o “outro mundo possível” – uma unidade que respeita a diversidade e, na qual, todos são protagonistas.

Os Fóruns não resultam de decisões de uma cúpula internacional que os programe e monitore: eles são sempre de iniciativa e responsabilidade dos movimentos, entidades e organizações da sociedade civil do país ou da região em que se realizam, com o apoio de um Conselho Internacional, do qual eles também participam. Os organizadores dos Fóruns – ou facilitadores, como os chamamos – estimulam, por sua vez, a auto-organização, pelos próprios participantes, das suas atividades nos Fóruns.

Assimila-se, assim, cada vez mais a forma de fazer política que está embutida na Carta de Princípios do FSM: a da ação horizontalizada, em rede, sem lutas internas por hegemonia, abrindo espaço para a irrupção da sociedade civil como novo ator político, autônomo em relação a partidos e governos.

Mas o momento após os policêntricos é de balanços e avaliações, essenciais para continuar a caminhada, considerando os avanços e retrocessos metodológicos ocorridos. O objetivo do processo político lançado, em 2001, pelo FSM continua o mesmo: tornar possível o encontro das “entidades e movimentos da sociedade civil, que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e que estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra”².

A reflexão e a ação ao longo dos Fóruns vêm permitindo identificar melhor as grandes chagas que o neoliberalismo, a

dominação do capital e o imperialismo abrem na face da terra. A mim me parece que elas seriam as seguintes:

- a guerra e a militarização dos conflitos;
- o terrorismo, como resposta desesperada ou estratégia equivocada de combate à dominação;
- a destruição progressiva e crescente do planeta Terra;
- a manutenção de parcelas crescentes da humanidade na miséria;
- a corrupção que deteriora o tecido social.

Elas têm uma gravidade diferente nas diversas partes do mundo, assim como varia a importância dos mecanismos ou instrumentos que as perpetuam. Mas todas afetam todos os povos. Elas se alimentam umas das outras e se aprofundam, em decorrência da mesma lógica egoísta, competitiva e suicida que conduz o capitalismo.



¹ Da Carta de Princípios do FSM

² O texto completo, disponível no **sítio do Jornal dos Economistas (www.corecon-rj.org.br)**, analisa os quatro desafios que o processo do FSM enfrenta agora.

*Militante e membro fundador do Comitê Organizador do FSM. Ex-vereador pelo PT em São Paulo.

Das Redes Latinas de Socioeconomia Solidária à Esfera Pública Governamental

Altigracia (Chilo) Villarreal*

Novamente as diversas redes de economia solidária estiveram presentes no Fórum Social Mundial, que desta vez foi policêntrico. Não foi somente um encontro e intercâmbio de experiências, mas também um espaço de articulação e coordenação – democrática, plural, respeitosa das particularidades locais e regionais - de lutas e projetos. Constatamos, ainda, a integralidade da proposta emancipatória da socioeconomia solidária em relação aos demais movimentos do campo da alterglobalização¹ presentes no FSM.

Um dos temas mais debatidos durante o evento foi a experiência brasileira e venezuelana na esfera pública: a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Governo Lula e o Ministério da Economia Popular do Governo Chávez, ambas consideradas como conquistas das iniciativas nacionais da socioeconomia solidária.

Algo inédito neste Fórum foi a reunião das redes de socioeconomia solidária com o ministro venezuelano, Elías Jaua Milano. Ele expôs o modelo sócio-produtivo de desenvolvimento endógeno que orienta a dinâmica das potencialidades específicas de cada comunidade na Venezuela.

Quanto às políticas públicas a favor da economia solidária, alguns imperativos foram destacados. Devem-se evitar políticas de governo, compensatórias ou assistencialistas. Viu-se também a necessidade de políticas públicas, de fato estruturantes, que superem o clientelismo e que sejam instrumentos emancipadores dos sujeitos sociais.

Deve-se promover o desenvolvimento dos espaços locais e a valorização das capacidades das pessoas, das famílias, das comunidades e dos territórios. A transversalidade das políticas deve ser concebida como elemento dinamizador de uma nova etapa da economia solidária, de forma a garantir sua abrangência, flexibilidade e caráter de longo prazo. A participação ativa dos atores da socioeconomia solidária no desenho, na implementação, na gestão e no monitoramento das políticas públicas na economia é a única maneira de se garantir um processo de desenvolvimento que avance.

Vimos que há coisas por fazer: consolidar e fortalecer o movimento de socioeconomia solidária e buscar caminhos para a aliança com outros atores, sob a condição de que os governos compreendam que os atores da socioeconomia solidária são cidadãos plenos e não beneficiários de políticas.

Busquemos inspiração no modo de vida dos povos originários da América e seus ancestrais, para os quais a terra é casa comum de toda humanidade; a vida humana é integrada aos ecossistemas; a pessoa e a comunidade são tidas como parte do universo; onde acontece a valorização do trabalho humano; o compartilhamento da tecnologia e dos saberes locais; a coletivização das potencialidades de cada um/a; a preferência das formas de acumulação de sabedoria coletiva do que a riqueza material.

O Fórum reforçou a idéia de que a socioeconomia solidária tem um forte compromisso na integração regional e na cooperação internacional. Este é um motivo pelo qual o Mercosul Solidário segue sendo construído, a partir de eventos como a Feira de Santa Maria/RS, realizada em julho/2005, no qual foram representados os quatro países do Mercosul, além da Colômbia, Venezuela, Chile e México.

Neste contexto, foi proposto aos povos latino-americanos a integração política, cultural e solidária em detrimento à integração econômica isolada. Soubemos que já existem experiências de trocas entre alguns países da América. Os debates e atividades do VI Fórum Social Mundial realizados de forma conjunta entre as redes internacionais de socioeconomia solidária nos trouxeram esperança.

Vimos que existe possibilidade de ir construindo outras relações, outras políticas públicas e, desta maneira, um **OUTRO MUNDO É POSSÍVEL E JÁ ESTAMOS COMEÇANDO A VIVÊ-LO.** ☺



*Representante da Coalición Rural México

¹ Trata-se da terminologia usada para designar o conjunto dos movimentos sociais mundiais que se contrapõem à globalização do capital, propõem uma outra globalização de valores humanos de justiça social.



Saudades

É com uma saudade tamanha que informamos da passagem do companheiro **Philippe Amouroux**, do Pólo de Socioeconomia Solidária. Ele nos deixou exemplos grandiosos de coragem e compaixão. Concentremos nossas energias neste espírito que protagonizou uma linda existência terrestre. ☺

PACS e Orçamento

O Pacs participa ativamente do Fórum Brasil do Orçamento na construção de uma proposta de Lei de Responsabilidade Social em contraponto à Lei de Responsabilidade Fiscal. A Lei permitirá priorizar os gastos sociais e prevê a criação do sistema público de monitoramento da gestão fiscal e da gestão social. Para assinar este manifesto e/ou contribuir com sugestões e críticas utilize o correio eletrônico: fbo@forumfbo.org.br ou www.forumfbo.org.br.

O Pacs participa também de uma comissão que apresentará ao poder legislativo do Estado do RJ uma proposta de Lei de Economia Solidária, a qual vem recebendo contribuições e apoio de diversos coletivos. Em 25 de abril será realizada uma audiência pública na Assembléia Legislativa para entrega do ante projeto de lei para formação de uma frente parlamentar em economia solidária. Mais informações: ruth@pacs.org.br ☺

NPC estende prazo para envio de vídeos populares

O Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) estendeu até o dia 15 de abril o prazo para recebimento de trabalho em VHS ou DVD para análise e possível publicação de sinopse em catálogo que está sendo elaborado pela entidade com financiamento parcial da Eletrobrás. As temáticas que interessam para este catálogo são: lutas populares, manifestações artísticas, recuperação da memória e expressões culturais do povo. Os interessados devem enviar uma cópia para o endereço: Rua Alcindo Guanabara, 17 sl. 912 - Cinelândia - CEP: 20.031-130 - Rio de Janeiro-RJ. e-mail: npiratininga@uol.com.br ☺

Lançamentos de livros

Cartas a Lula-Um Outro Brasil é Possível – Marcos Arruda torna pública a correspondência mantida durante três anos com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o então ministro da Casa Civil, José Dirceu e outras personalidades. Nas cartas é possível acompanhar a evolução do governo Lula - desde a campanha eleitoral até a metade do seu mandato presidencial. O autor aborda, de forma crítica e propositiva, temas como alianças partidárias, Alca, FMI, transgênicos, expulsão de petistas históricos, entre outros. O livro, da Documenta Histórica Editora, tem prefácio de Emir Sader e contra-capla da senadora Heloísa Helena. À venda nas livrarias ou pelo fone: (21) 2210 2124.

Tornar real o possível - Em Tornar real o possível – a formação do ser humano integral: economia solidária, desenvolvimento e o futuro do trabalho, da Editora Vozes e PACS, o autor Marcos Arruda concentra sua atenção na complexa realidade socioeconômica e política da atualidade e examina sua influência na conformação cultural, mental e psíquica do ser humano de hoje. O prefácio é de Paul Singer. À venda nas livrarias ou pelo telefone: (21) 2210 2124.

A Grande Partida: Anos de Chumbo - O petroleiro Francisco Soriano, conselheiro fiscal do PACS, lançou o livro “A Grande Partida: Anos de Chumbo”. Na obra, o autor analisa a ditadura militar através de suas memórias sobre aquele período no qual jovens foram cerceados na luta pelo desenvolvimento brasileiro na conjuntura dos anos 60. À venda nas livrarias ou pelo telefone: (21) 2295 5735. ☺



CARACA!

Pontos sobre o Fórum Social Mundial 2006

Sandra Quintela*

A gíria carioca “caraca” funciona como um advérbio de interjeição utilizado para expressar surpresa sobre um fato que acontece de forma imprevisível. Participar do FSM em Caraca, na sua 6ª edição - dessa vez realizado de forma descentralizada na América latina, África e Ásia - foi como dizer “Caraca!” por estar na Venezuela, um país em debate, em movimento, em processo de mudança profunda. Pelo menos essas três características, para nós, do Brasil, já causam muita surpresa.

O cenário por aqui é dietralmente oposto: um país que parece parado, sem debates políticos substanciais, onde suas políticas de estado aprofundam a desigualdade e premia os bancos com lucros recordes em 2006. Que tipo de mudança está em curso no Estado brasileiro? Aquela que aprofunda as desigualdades na medida em que renova as políticas sociais localizadas, em detrimento de políticas universais necessárias ao combate às causas dessas desigualdades. *Caraca!*

O Fórum Social Mundial em Caracas não poderia ser diferente do cenário onde ele acontecia. Foi um FSM que privilegiou espaços de debates sobre estratégias de poder, recolocou fortemente o debate sobre o socialismo, sobre a relação estado x partido x movimentos sociais; sobre emancipação humana.

Foi um FSM onde o tema da dívida pública apareceu em várias atividades e atraiu um grande número de participantes. A Rede Jubileu Sul promoveu mais uma edição da Assembléia dos Povos do Sul credores da dívida histórica, social e ecológica. Assembléia concorrida com a participação dos principais movimentos sociais do continente¹.

O eixo central das dívidas a serem cobradas pelos povos do Sul foi pautado pela questão das mulheres, da água, da soberania alimentar, da soberania energética, da educação e da moradia. Já não seria hora de nos assumirmos como

credores das dívidas sociais, históricas e ecológicas? Dívidas das quais há muito tempo as populações empobrecidas de todo o Sul do planeta Terra vêm acumulando, na medida em que falta terra, trabalho, liberdade e mercantiliza-se tudo: a água, a semente, as minas, as florestas e a própria possibilidade de se viver.

Por fim, outra *Caraca!* foi a Assembléia Mundial dos Movimentos Sociais, que vai se consolidando como um espaço propositivo dentro do espaço dos fóruns sociais. Saímos de Caracas com um calendário comum de lutas (www.jubileubrasil.org.br) e sabendo que a luta na Palestina, no Haiti, na resistência iraquiana, a luta pela não mercantilização dos bens da terra, a luta das mulheres, dos quilombolas, da saúde, da educação, e outras lutas são todas nossas lutas.

A agenda é longa e complexa e a única certeza que temos é que ela precisa acontecer em um espaço/tempo concreto. A necessidade de intensificar o trabalho de educação popular e fortalecer as organizações locais, ao mesmo tempo em que nos fortalecemos internacionalmente, é vital para o cumprimento do vasto calendário de lutas acordado.

O Sistema do Capital nos faz correr todo o tempo na tentativa de nos fazer trabalhar cada luta como específica. O que nos desafia é mostrar que cada luta é um pedaço de um quebra-cabeça que só o estudo e o trabalho de organização será capaz de juntar suas peças. E ao juntá-las nos deparamos com o quadro da expansão do capitalismo com todas suas pernas.

O tempo é para processos de longo prazo. Nossa agenda tem pressa. Nosso trabalho cresce, mas precisa de uma dinâmica que nos requer presentes no espaço/tempo em que ele ocorre.

Caraca! O Rio de Janeiro foi ocupado militarmente! ☹

* Socioeconomista do PACS

¹ Como a Marcha Mundial das Mulheres, a Rede Mulheres Transformando a Economia, a Ação Ecológica, a Confederação Latino Americana de Organizações Camponesas/Via Campesina, a RAPAL - Rede de Ação em Pesticidas e suas Alternativas de América Latina, SOFA- Solidariedade Mulheres Haitianas, PAPDA -Plataforma Haitiana em Defesa de um Desenvolvimento Alternativo do Haiti, Aliança Social Continental.



Moedas Sociais e Trocas Solidárias - Uma experiência revolucionária?

Robson Patrocínio de Souza*

“Um outro mundo é necessário, com você é possível”. Essa era a chamada feita por uma das emissoras da Venezuela que fazia a cobertura do VI FSM (Fórum Social Mundial), realizado em Caracas entre os dias 24 e 29 de janeiro de 2006.

A frase coloca uma questão importante quando desejamos um outro mundo: são os caminhos que escolhemos para chegar a tal audacioso objetivo, sem ser, no entanto, capturados pelas velhas práticas do sistema.

Daí surge uma pergunta que fiz para as pessoas que participaram da oficina de trocas realizada pelo PACS, durante o Fórum, em especial às pessoas do governo venezuelano ligados ao MINEP (Ministério da Economia Popular), que desejam implantar as moedas sócias naquele país: o que queremos com esse projeto das trocas, com a criação das moedas sociais e as feiras? Essa pergunta me remete uma outra que ouvi de uma amiga: o que queremos transformar com as nossas práticas?

As respostas para essas perguntas não estão prontas e considero ser esse um início de caminho, onde podemos descobrir que autonomia se conquista quando as pessoas podem escolher os caminhos que desejam fazer.

Na oficina, que contou também com a presença de gente da Colômbia, surgiram várias perguntas sobre a criação de um grupo de trocas, a falsificação, emissão e controle da moeda. Disse que temos trabalhado na perspectiva da autonomia dos sujeitos, e não somente pensando a criação de moedas, grupos e a realização de feiras. Nessa perspectiva da autonomia, o governo deve assumir um papel que é fundamental: apoiar e colaborar com a proposta e não de controlador da mesma. E esse risco é maior ainda se o governo for o principal financiador dos recursos, sejam eles financeiros ou não, e se ainda for o criador/articulador das moedas sociais e grupos.

Ao meu ver, uma proposta pode ir se constituindo como revolucionária (se é que podemos falar dessa forma), na medida em que a população vai se apropriando, e fazendo dela um instrumento capaz de repensar as suas práticas e os seus valores, propiciando assim o reconhecimento das possibilidades de promoção de suas vidas e da vida dos outros.

A participação do PACS no tema das trocas no FSM não terminou após a realização da oficina. Continuamos no diálogo com outras pessoas que tinham a intenção de fazer circular durante o FSM o TXAI, moeda criada durante o FSM 2005, em Porto Alegre, para o Mercado das Trocas Solidárias. A moeda tinha como objetivo facilitar as trocas de serviços e produtos entre produtores e consumidores participantes do FSM.

A experiência do TXAI na Venezuela não teve êxito. As moedas e cartilhas foram impressas com dinheiro público e não circularam como se havia pretendido. Não havia acúmulo e nem articulação suficiente para bancar a proposta em outro país. No Brasil, a utilização do TXAI já havia sido muito complicada.

Mas a questão não deve ficar nos responsáveis pelo fato, e sim devemos ir além e voltar às perguntas do início desse texto. Devemos avaliar esse acontecimento como um indicador de como as coisas estão caminhando pela Economia Solidária e de como são capturadas pela velha lógica do sistema.

No Rio de Janeiro, temos investido nas trocas como um instrumento no fortalecimento das ações locais, procurando estimular as pessoas para que identifiquem as trocas que já ocorrem e a maneira como acontecem. Deste modo, trabalhamos os temas ligados a uma outra cultura socioeconômica e solidária, reconhecendo e valorizando a partir do que as pessoas já fazem. Consideramos que os temas e recursos como as moedas sociais, feiras e a criação de grupos de trocas podem ser incluídos nesse processo. ☺

*Educador Popular do PACS e graduando de Serviço Social da PUC.



Publicação trimestral do Pacs – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

Apoio: Christian Aid, Trocaire e Ação Quaresmal

Coordenação-Geral: Marcos Arruda

Coordenação de Programas: Sandra Quintela

Equipe: Jussara Oliveira, Kátia Aguiar, Lycia Ribeiro, Marcia Danielli, Maria Eduarda Fernandes, Renata Lins, Robson Patrocínio, Rosana Lobata, Ruth Espínola Soriano de Mello e Terezinha Pimenta.

Estagiários: Bruno Lopes e Maiara F. Silva

Distribuição: Gustavo Jorge Vaccih e Leilane Brito

Sugestões, críticas ou pedidos de exemplares? Fale conosco, teremos muito prazer em responder:

Av. Rio Branco, 277 - 16º andar - sala 1609
Centro • Rio de Janeiro • RJ • CEP 20.040-009

Tel/Fax: (21) 2210-2124

www.pacs.org.br - pacs@pacs.org.br

Utilidade Pública Federal - Port. nº 2.476,
de 17/12/2003 - D.O.U. de 18/12/2003

Conselho Municipal de Assistência Social -
inscrição nº 620 - D.O.M. de 28/10/2003

Edição: Lycia Ribeiro MTB-899/04/105CE
Márcia Danielli 805-MTB/AL

Projeto gráfico e diagramação: Rogério Nascimento

Impressão: Grafthaly

Tiragem: 2.500 exemplares